

Plano Metodológico das Oficinas - DSP

Programa de Educação Ambiental do Programa
do Projeto Ferro Carajás S11D

Agosto | 2013

Programa de Educação Ambiental do Projeto Ferro Carajás – S11D

Metodologia para realização de Oficina de
Diagnóstico Socioambiental Participativo

Agosto 2013

Sumário

1	Contexto.....	4
2	Metodologias de Diagnóstico Participativo	6
3	Metodologia Proposta.....	8
3.1	Objetivos.....	8
3.2	Público-Alvo	8
3.3	Duração	8
3.4	3.4 Premissas	9
3.5	Principais elementos facilitadores da oficina	9
3.6	Planejamento da oficina	10
3.5.1	Diagnóstico prévio do cenário e do público participante	10
3.5.2	Oficina do Futuro	11
4	Referências bibliográficas	21
	Ficha Técnica	22

1 Contexto

O presente documento apresenta as orientações metodológicas para realização de oficinas de *Diagnóstico Rápido Participativo (DRP)* junto às comunidades atendidas pelo Programa de Educação Ambiental do empreendimento Ferro Carajás da Vale S/A localizado no município de Canaã dos Carajás – PA.

Este material irá apoiar a equipe da Diagonal na realização das oficinas foi construído de acordo com os principais marcos legais e conceituais da área de Educação Ambiental:

Políticas, normativas e diretrizes específicas

- Instrução Normativa do Ministério do Meio Ambiente nº. 2, de 27 de março de 2012 que estabelece as bases técnicas para programas de educação ambiental apresentados como medidas mitigadoras ou compensatórias, em cumprimento às condicionantes das licenças ambientais emitidas pelo IBAMA.
- Lei nº. 9.795, de 27 de abril de 1999, dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação (PNEA) e dá outras providências.
- Decreto nº. 4.281, de 25 de julho de 2002, regulamenta a Lei nº. 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências;
- Decreto nº. 4.340, de 22 de agosto de 2002, regulamenta artigos da Lei nº. 9.985, de 18 de julho de 2000, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, e dá outras providências, alterado ainda pelo Decreto nº. 6.848, de 14 de maio de 2009, que acrescentou dispositivos para regulamentar a compensação ambiental.
- Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), 2005.
- Resolução CONAMA nº. 422, de 23 de março de 2010, estabelece as diretrizes para campanhas, ações e projetos de Educação Ambiental de acordo com a PNEA.

Marcos conceituais

- Educação Ambiental não formal: considerando os objetivos da EA no licenciamento, os trabalhos devem ser voltados aos grupos mais afetados pelo empreendimento. Sendo assim, o foco dos processos educativos é a comunidade residente na Área de Influência ainda que as ações previstas utilizem o espaço das escolas.
- Área de Influência Direta (AID): território onde as relações sociais, econômicas, culturais e os aspectos físico-biológicos sofrem os impactos de maneira primária, tendo suas características alteradas, ou seja, há uma relação direta de causa e efeito.
- Participação social: disponibilização de informações e criação de espaços e mecanismos que propiciem a participação da comunidade na discussão, formulação, implementação, fiscalização e dos processos decisórios sobre o acesso aos recursos ambientais e seu uso. Participar significa tomar parte

no processo, emitir opinião, concordar/discordar. Em um processo participativo, é premissa básica o respeito às idéias de todos, por isso todas as contribuições devem ser valorizadas e voluntárias.

- **Espaços comunitários como espaços educadores:** sabe-se que a educação acontece nos mais diversos espaços e lugares da vida cotidiana a partir da vivência, interação, convivência, interpretação e das inter-relações com as pessoas e os ambientes. Sendo assim, todo espaço traz em si características educativas, mas só a partir da intencionalidade educadora pode-se propiciar aprendizagem. As oficinas devem incluir os espaços e estruturas frequentemente acessados pela comunidade, tais como igrejas, praças, restaurantes, escolas, com o propósito de informação, educação e mobilização.
- **Pluralidade e diversidade cultural:** atenção às experiências, motivações e necessidades do sujeito, o respeito às dinâmicas socioculturais nos quais ele está inserido e ao caráter plural dessas dinâmicas. Ênfase na construção dialética da troca de saberes, inclusive entre o conhecimento científico e o conhecimento produzido pelas populações locais.

De acordo com os princípios da Educação Ambiental aplicada ao licenciamento e a Instrução Normativa nº2 do IBAMA apresentados acima, o objetivo das oficinas de Diagnóstico Rápido Participativo propostas neste documento, *é a definição, formulação, implementação, monitoramento e avaliação de projetos socioambientais de mitigação para estas comunidades.* Sendo assim, o processo participativo tem como proposta levantar as especificidades locais, as potencialidades e os desafios na visão dos grupos contribuindo para criação de uma agenda de projetos da Vale alinhada à realidade das comunidades.

Outras etapas integram o processo de DRP e já foram realizadas pela Vale:

- Formação da equipe de trabalho;
- Identificação da área de abrangência;
- Identificação dos grupos sociais formais e informais inseridos na área de influência direta;
- Definição da metodologia para construção do DSP;
- Mobilização dos grupos sociais formais e informais que participarão das reuniões de abertura dos trabalhos do DSP;
- Realização de reuniões de abertura dos trabalhos com os grupos sociais formais e informais inseridos na AID;
- Realização de entrevistas semi-estruturadas com informantes-chaves.

A sinergia e completude destas etapas são essenciais para que o diagnóstico participativo cumpra seus objetivos.

Convém ressaltar que as ações direcionadas aos trabalhadores do empreendimento, outra exigência da IR No 2 do IBAMA não estão sob responsabilidade da presente consultoria.

A seguir apresentamos o arcabouço conceitual associado ao processo de diagnóstico participativo tendo em vista subsidiar a mediação das oficinas.

2 Metodologias de Diagnóstico Participativo

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.” (Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 78)

O Diagnóstico Participativo é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que comunidades investiguem, reflitam, tomem consciência de sua realidade, expressem-se e façam o seu próprio diagnóstico, e a partir daí, sejam implicadas no processo de desenvolvimento e gerenciamento do planejamento.

Trata-se de um processo realizado “com” e não “para”. Todos os envolvidos estão implicados no processo, ou seja, fazem parte do todo, são agentes construtores e não telespectadores. Processo dialógico, como referenciava Paulo Freire, fomentador de uma cultura democrática e promotora de uma educação para autonomia.

Abrir espaço para a participação de todos é pensar em uma atuação coletiva e sistêmica.

Curiosidade: A participação é um substantivo feminino, que significa a ação ou efeito de participar. Verificando a etimologia da palavra, ela é derivada do latim *participatio, ónis* 'participação, partilha', de *participátum*, supino de *participáre* 'ter parte em'. Por isso participar vai além de estar presente. Participar significa tomar parte do processo, fazer com.

“O que se precisa entender é que participar é fazer política e esta depende das relações de poder percebidas. Que participar é uma prática social na qual os interlocutores detêm conhecimentos que, apesar de diferentes, devem ser integrados. Que o conhecimento não pertence somente a quem passou pelo processo de educação formal, ele é inerente a todo ser humano. Que se uma pessoa é capaz de pensar sua experiência, ela também é capaz de produzir conhecimento. Que participar é repensar o seu saber em confronto com outros saberes. Participar é fazer com e não para”. (TENÓRIO, 1990).

Em um processo participativo é premissa o respeito às ideias individuais e coletivas, por isso todas as contribuições devem ser valorizadas e voluntárias. Não é somente um instrumento para a solução dos problemas, mas também uma necessidade do ser humano de auto afirmar-se, de interagir em sociedade, criar, realizar, contribuir, sentir-se útil. Logo, um instrumento eficaz para aumentar a motivação, o entusiasmo das pessoas e implicar a todos de maneira qualitativa.

Além da promoção individual, o processo participativo também se fundamenta na eficácia de construção coletiva, ou seja, otimização de recursos, tempo, intercâmbio das ideias podendo levar a novas alternativas. Também se justifica pelo componente afetivo, por fazer com que nos sintamos mais estimulados, seguros e confiantes trabalhando em equipe. Esta é a base para a interação e confiança entre as pessoas e, assim, a sua autogestão.

Características e funcionalidade:

- É um processo de pesquisa e coleta de dados;
- É um processo de mão dupla;
- Reconhece o valor dos conhecimentos das pessoas.
- Meio de comunicação entre aqueles que estão unidos por problemas comuns.
- Ferramenta útil para identificar soluções de maneira coletiva.

Portanto, o diagnóstico participativo permite a interação interdisciplinar e multissetorial, facilitando o surgimento de soluções mais criativas e ajustadas a cada realidade. Confere, além disso, os elementos que orientam a ação, definição de necessidades, conhecimento dos recursos e obstáculos existentes, estabelecimento de prioridades, elaboração do plano de ação contextualizado, portanto, assertivo e comprometimento de todos no monitoramento dos processos.

3 Metodologia Proposta

Considerando o aspecto participativo essencial aos objetivos e resultados esperados e a disponibilidade de tempo indicada para as oficinas de diagnóstico (8h), sugere-se a adaptação da metodologia de *Oficina do Futuro*¹.

A Oficina de Futuro é uma técnica participativa utilizada para construção de projetos coletivos a partir do levantamento de problemas e potencialidades de uma comunidade. A partir da criação de um espaço para se debater sonhos, problemas e ações conjuntas, ela sensibiliza e envolve a população em processos de resolução de problemas e tomada de decisões.

3.1 Objetivos

Identificar e caracterizar potencialidades e problemas socioambientais locais com a participação das comunidades da área de influência do empreendimento Ferro Carajás a fim de contribuir para estruturação de planos de ação que ampliem os impactos positivos e minimizem os impactos negativos do mesmo.

3.2 Público-Alvo

Grupos sociais formais e informais da área de influência direta (sede, Vila Planalto, Vila Feitosa, Vila Ouro Verde e Sede) compostos por lideranças comunitárias informais e representantes de associações de bairro, associações de agricultores, Conselho de Educação, Conselho de Meio Ambiente, Secretaria de Educação, Secretaria de Meio Ambiente, EMATER, IDURB, Secretaria de Produção e Desenvolvimento Rural, dentre outros.

3.3 Duração

Oficina de **oito** horas (realizadas em dois momentos distintos de quatro horas) realizada em cada uma das comunidades. A divisão da execução da oficina em dois momentos distintos responde a dificuldade de permanência do público durante oito horas seguidas em um evento, tendo em vistas os compromissos e atividades cotidianas aos quais tem que responder.

¹Metodologia criada pela ONG Instituto ECOAR para a Cidadania utilizada atualmente em processos participativos do Ministério da Educação e Ministério do Meio Ambiente, além de empresas e organizações da sociedade civil que buscam a construção de processos coletivos comunitários.

3.4 3.4 Premissas

- Construção baseada no diálogo e respeito mútuo – processo de construção participativa para apropriação de todos;
- Integralidade: considerar as três dimensões física, cognitiva e afetiva que implicam aprendizagem.
- Realização de um processo mediado - a mediação interativa consiste no diálogo contínuo entre o mediador e os participantes, sendo o mediador responsável por promover essa interação. É uma prática que prevê a contribuição de todos os presentes, com seus saberes prévios, no processo e no produto final.

3.5 Principais elementos facilitadores da oficina

Moderador/Mediador

É a pessoa de equilíbrio e catalisadora das diversas idéias que aparecem em um processo grupal, sendo então o responsável pela condução geral da oficina e mediador dos processos. O mediador não interfere no conteúdo das discussões, tendo somente a responsabilidade de facilitar o processo metodológico.

Introduz perguntas estratégicas de forma clara e concisa, instiga, acompanha e facilita as discussões, mantendo o foco nos objetivos, gerenciando possíveis conflitos e fazendo com que o grupo encontre suas próprias respostas sem influenciá-lo. Este papel é uma das principais atribuições da Diagonal neste trabalho. Este profissional também deve abrir espaço interno para receber o universo trazido pelos participantes, captar nas falas elementos que auxiliem o processo de atribuição de sentido, tais como palavras comuns e necessidades individuais e coletivas, além de atuar conjuntamente com os grupos na administração do tempo para que todas as etapas sejam cumpridas e os objetivos gerais atendidos. Este processo exige sensibilidade para não interromper discussões importantes para o levantamento das potencialidades e desafios pela comunidade.

Resumo das atribuições do mediador

- Construir vínculos afetivos e de confiança;
- Construir um ambiente acolhedor e de sustentação;
- Proporcionar espaços de fala para todos;
- Estimular o exercício da escuta;
- Ser curioso pelo universo do outro;
- Ser bom observador e ouvinte.

Visualização

Instrumento de melhoria na comunicação e de facilitação do registro. De acordo com cada etapa da oficina, faz-se o registro da idéia ou resumo de discussões do grupo em fichas de papel com um pincel atômico. A visualização das idéias apresenta muitas vantagens em relação às discussões não-visualizadas, tais como a transparência e a objetividade. A estruturação das idéias e das discussões em grupos, sob a orientação e moderação do agente facilitador (o moderador) da oficina constitui-se em um dos pilares do enfoque participativo adotado nessa oficina.

Trabalho em pequenos grupos (ou subgrupos)

Visa estabelecer discussões mais profundas e desenvolver a escuta do outro. Isso seria impossível numa oficina aberta com muitos participantes. Por ser participativo o trabalho em subgrupos permite a maior integração e interação de todos nos processos de discussão, tomadas de decisão, entre outros momentos.

As pessoas que participam de um grupo de trabalho nem sempre têm a compreensão e a certeza de que o trabalho realizado pelo grupo leva a resultados melhores do que o realizado individualmente.

Principalmente, em situações em que tomar decisões é uma necessidade, o trabalho em subgrupos pode ajudar muito diminuindo os conflitos e aumentando a chance de acertos, além de criar um sentimento de maior co-responsabilidade pelos resultados. Também, na busca de soluções para problemas comuns ou no levantamento desses problemas, as decisões do subgrupo são muito importantes no processo. Para esta oficina propõe-se a formação de subgrupos de até sete participantes cada.

Plenárias

É o momento do conhecimento, aperfeiçoamento e lapidação das idéias geradas nos grupos. São os momentos de socialização dos resultados, das tomadas de decisão, de se estabelecer à responsabilidade e cumplicidade no trabalho.

3.6 Planejamento da oficina

3.5.1 Diagnóstico prévio do cenário e do público participante

O autor Paulo Freire (2001, p. 81) defende que além da leitura da palavra há a leitura do mundo, presente em nossas vidas muito antes da educação formal. Para o autor, o educador deve buscar compreender e respeitar o universo do educando, pois “[...] tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’”. Sendo assim, esta etapa além de atender as exigências do IBAMA, visa contextualizar o mediador para que possa trabalhar de maneira significativa com os grupos, utilizando linguagem, elementose situações comuns à realidade local para atribuição de sentido.

Fazem parte desta etapa as seguintes atividades:

- Identificação dos grupos sociais de maior vulnerabilidade – mais impactados. Mapear as áreas de influência de cada grupo para uma atuação contextualizada e uma melhor facilitação das discussões.
- Painel de hipóteses de impactos (ferramenta para subsidiar mediação das oficinas): este painel é construção coletiva e seu preenchimento depende de informações disponibilizadas pela Vale. Ressalta-se que durante as reuniões de abertura realizadas com as comunidades foram apresentados os impactos e as medidas de mitigação que estão sendo adotadas pelo empreendimento Ferro Carajás S11D.

PROJETO FERRO CARAJÁS - PAINEL DE IMPACTOS				
Diagnóstico Prévio				
Impacto Direto	Área	Local	Comunidade diretamente afetada	Ação de minimização (planejada ou possível)
Impacto Indireto	Área	Local	Comunidade diretamente afetada	Ação de minimização (planejada ou possível)

3.5.2 Oficina do Futuro

A seguir estão os passos ou etapas para a realização da Oficina do Futuro.

Etapa 1. Abertura, acordos e expectativas

Objetivo:

Conhecer, integrar e sensibilizar para o trabalho; levantar as expectativas e apresentar a proposta da oficina.

Passos para realização

- Apresentação dos participantes e da equipe mediadora . Conforme o contato com o público pode-se fazer uma dinâmica quebra-gelo.
- Apresentação da questão 1: *O que espero da oficina?*
 - Registro pelo mediador das expectativas citadas para que todos possam visualizar
- Apresentação do objetivo da oficina no contexto do Programa de Educação Ambiental para esclarecimento dos participantes (caráter diagnóstico)

- d. Construção dos acordos para uma boa oficina a partir da seguinte questão: Que acordos são importantes para realizarmos um bom trabalho?

Registro pelo mediador dos acordos. O mediador pode também colocar alguns elementos importantes para que o grupo valide ou não, tais como respeitar a opinião do outro, não falar ao mesmo tempo, etc.

Pontos de atenção

- Ter atenção para que todos se apresentem e tenham oportunidade de se colocar.
- Alinhar as expectativas dos participantes aos objetivos da oficina para evitar frustrações ou mal entendidos.
- Fixar as expectativas e acordos em local visível (os acordos devem ser trazidos na próxima oficina).

Materiais

- Crachás
- Pincéis atômicos
- Flipchart, papel pardo ou cartolina para registrar as expectativas ou acordos.
- Cola spray ou fita crepe

Resultados esperados

- Integração e clima de cooperação e participação.
- Expectativas e acordos construídos e validados coletivamente.

Etapa 2. Árvore dos Sonhos

Introdução

Para realizar algo de valor é preciso ter espaço para sonhar. Durante a Rio-92 foi construída uma imensa árvore na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro. Nesse local, onde era realizada a conferência da sociedade civil, as pessoas escreviam em folhas de papel seus sonhos de um futuro digno para a humanidade e penduravam nessa árvore. Para identificar conjuntamente os objetivos de uma comunidade e definir os rumos a serem seguidos podemos seguir a mesma idéia, construindo a Árvore dos Sonhos. Este é o momento onde os participantes são estimulados a imaginar com gostariam que fosse a sua rua, sua escola, sua cidade, o planeta. Estes sonhos são então, escritos, desenhados e/ou pintados e se transformam na árvore dos sonhos, montada coletivamente. Essa etapa, apesar de rápida é significativa para construção de um ambiente confortável e seguro para as manifestações dos participantes ao longo das demais atividades.

Observações iniciais para realização da atividade

- Nessa atividade há mobilização das três dimensões descritas no item “premissas”. Processo fundamental para aprendizagem significativa.
- Dimensão Afetiva – momento de nomeação dos sentimentos materializados pelos sonhos e desejos representados por meio da escrita ou do desenho.
- Dimensão Física – Movimento de registro (escrita ou desenho) e da montagem da árvore.
- Dimensão Cognitiva – o exercício de registro da dimensão afetiva. Processo de síntese, conhecido como o processo mais complexo do cérebro humano.

Objetivos

- Mobilizar os participantes para construir o conceito de lugar bom para se viver a partir de seus sonhos e experiência de vida.
- Identificar os conceitos e idéias dos participantes acerca de sua comunidade e qualidade de vida (caráter diagnóstico).
- Organização do pensamento coletivo visando o planejamento futuro das ações.

Passos para realização

- Fixação da árvore em um local de fácil visualização por todos.
- Abertura da etapa como a seguinte pergunta: **“Como é a comunidade dos nossos sonhos?”**
- Formação dos grupos de trabalho com até sete pessoas. Todos do grupo devem expor seus sonhos. Cada grupo escreve os seus sonhos (idéias) para uma comunidade saudável num papel em forma de folha e vai colocando na Árvore dos Sonhos. Sugere-se limitar até cinco folhas por grupo.
- Nota: caso algumas comunidades não sejam alfabetizadas, sugere-se trabalhar com revistas das quais eles possam extrair imagens que representem seus sonhos ou até mesmo com desenhos.
- A negociação coletiva dos sonhos vai mostrar quais são os objetivos de cada grupo.
- Depois que os sonhos estiverem fixados na árvore, o moderador abre a plenária para que os grupos apresentem seus sonhos. De acordo com as discussões o moderador pode ir agrupando os sonhos parecidos ou complementares.

Pontos de atenção

- Deixar bem livre as discussões... não se limita os sonhos das pessoas.
- Orientação para os grupos quanto à objetividade dos sonhos e à letra (de forma e legível para que todos possam visualizar). Evitar idéias muito genéricas e textos muito extensos.
- Ficar atento ao tempo e ir avisando os grupos para que fechem as discussões.
- Contar com um apoio que faça o registro das discussões para que o moderador possa usá-lo posteriormente.
- Acompanhar os grupos para incentivar a participação de todos.

Materiais

- Uma árvore grande feita de papel pardo.
- Sulfite verde cortado em folhas para os sonhos.
- Pincéis atômicos.
- Cola spray ou fita crepe.

Resultados esperados

- Participação e engajamento dos participantes no processo.
- Sonhos/desejos construídos e validados coletivamente pela comunidade, organizados por curto, médio e longo prazos e com indicação dos responsáveis por sua realização na visão dos participantes.

Etapa 3. Muro das Lamentações – As pedras no caminho

Introdução

A problematização ativa o intercâmbio de ideias e ajuda os grupos a desabafarem e pensarem nas dificuldades a serem enfrentadas para chegar aos sonhos. Um grande muro será montado com tijolos feitos de tarjetas de papel com os registros dos limitadores dos sonhos da comunidade.

Observações iniciais para realização da atividade

Nessa atividade é fundamental explorar a oralidade (fala/escuta) do grupo. O escutar está relacionado a criar um espaço interno para receber a fala do outro, possuir uma curiosidade genuína pela pessoa que está a nossa frente, crer que o outro tem sempre contribuições a dar por meio de sua fala. O exercício da fala é tão importante quanto o da escuta, pois por meio da fala podemos fazer intervenções mais diretas no meio em que vivemos, e expressarmos nossos sentimentos, experiências e saberes, além de ser uma prática comum a todos, diferente da escrita.

Esta atividade também mobiliza as seguintes dimensões:

Dimensão Cognitiva - no processo de reconhecimento do que não gostam e atrapalham a qualidade de vida da comunidade.

Dimensão Afetiva – momento de nomeação dos sentimentos, por meio da oralidade, que os incomodam e não os agradam.

Objetivos

- Identificação dos principais problemas e desafios para melhorar a vida da comunidade.
- Organização do pensamento coletivo visando o planejamento futuro das ações.

Passos para realização

- Fixação do muro em um local visível, de preferência em local próximo da Árvore dos Sonhos.
- Abertura da etapa como a seguinte pergunta: **“Quais são os problemas que dificultam alcançarmos nossos sonhos?”**
- Retomada dos grupos de trabalho com até 6 pessoas. Para um maior aprofundamento da atividade pode-se selecionar 3 sonhos por grupo. Os grupos devem escrever cada um dos problemas em uma tarjeta para colar no Muro.
- *Nota:* caso algumas comunidades não sejam alfabetizadas, sugere-se trabalhar com revistas das quais eles possam extrair imagens que representem os problemas ou até mesmo com desenhos.
- A discussão dos problemas vai mostrar as fragilidades, tensões e preocupações de cada grupo.
- Depois que os problemas estiverem fixados na árvore, o moderador abre a plenária para que os grupos os apresentem. De acordo com as discussões o moderador pode agrupar os problemas parecidos ou complementares.
- Discussões e reflexões propostas para fechamento desta etapa:
 - - Como foi a experiência? Foi fácil ou difícil? Por quê?
 - - Que problemas são similares ou complementares?
 - - Que problemas podem ser resolvidos a curto, médio e longo prazo?
 - - Quem pode ajudar na resolução dos problemas? (Poder público, comunidade, empresas, ONGs etc.)
 - - Quem mais poderia contribuir?
 - - O que temos haver com estes sonhos individual e coletivamente?

- Existe alguma experiência exitosa na comunidade que envolva a resolução de algum destes problemas envolvendo união, parceria?
- Fechar a discussão apresentando a importância da união da comunidade para resolução de problemas que a afeta. Sem esta visão coletiva e sistêmica tornar sonhos realidade é uma tarefa bem mais difícil.

Pontos de atenção

- Moderação de discussões em que os ânimos possam se exaltar. A ideia dos tijolos é reconhecer os problemas para construir soluções coletivas e criativas e eles não devem ser usados como armas ou pontos de desmobilização - “arremessados uns nos outros”. Retomada dos acordos sempre que necessário.
- Orientação para os grupos quanto à objetividade dos problemas e à letra (de forma e legível para que todos possam visualizar). Evitar ideias muito genéricas e textos muito extensos.
- Ficar atento ao tempo e ir avisando os grupos para que fechem as discussões.
- Contar com um apoio que faça o registro das discussões para que o moderador possa usá-lo posteriormente.
- Acompanhar os grupos para incentivar a participação de todos.

Materiais

- Um painel de papel pardo para que os tijolos sejam fixados.
- Sulfite amarelo ou azul em A4 cortado ao meio para ser os tijolos.
- Pincéis atômicos.
- Cola spray ou fita crepe.

Resultados esperados

- Participação e engajamento dos participantes no processo.
- Problemas construídos e validados coletivamente pela comunidade, organizados por curto, médio e longo prazo e com indicação dos responsáveis por sua realização na visão dos participantes.
- Relação de pontos críticos identificados por moderador e equipe nas discussões.

Etapa 4. Plano de Ação

Introdução

Essa etapa é a síntese das demais. É o momento de despertar o protagonismo dos participantes, de implicação de todos no processo de melhoria e de mudanças necessárias, sejam elas macro ou micro, individuais ou coletivas.

Um plano de ação é como um mapa de orientação. É a materialização das reflexões, estabelecimento de novas posturas e ações, inclusive de monitoramento. O mediador deve promover o compartilhamento dos conhecimentos construídos ao longo do encontro; incentivar a participação de todos na construção das ações, analisar e problematizar a viabilidade do cumprimento delas.

Vale ressaltar o quanto fundamental é o processo de registro nessa etapa, para vencer o tempo e o espaço da oficina, ou seja, a perenidade dos compromissos e garantir a originalidade das ideias depositadas.

[...] o registro ajuda a guardar na memória fatos, acontecimentos ou reflexões, mas também possibilita a consulta quando nos esquecemos. Este 'ter presente', o já acontecido, é de especial importância na transformação do agir, pois oferece o conhecimento de situações arquivadas na memória, capacitando o sujeito a uma resposta mais profunda, mais integradora, mais madura [...] Refletir sobre o passado (e sobre o presente) é avaliar as próprias ações, o que auxilia na construção do novo. E o novo é a indicação do futuro. É o planejamento (WARSCHAUER, 1993, p. 62-63).

Objetivos

- Priorizar os sonhos a serem alcançados pela comunidade de acordo com suas possibilidades de realização.
- Engajar a comunidade nos projetos de forma que esta seja ativa e co-responsável pelos processos, ações e resultados.

Passos para realização

- O moderador abre a etapa falando que este momento é dedicado à construção de planos que tornem os sonhos realidade, considerando as dificuldades existentes.
- Realização de debate sobre os sonhos com o grupo, elencando a prioridade para a comunidade. Se possível, numerar primeiro, segundo, terceiro lugar e assim por diante.
- Retomar a formação dos grupos indicando um ou dois sonhos por grupo.
- Pedir para que cada grupo discuta e preencha a seguinte tabela para cada sonho em um papel pardo. Esta tabela deverá ser visualizada por todos.

PLANO DE AÇÃO PARA O SONHO: _____

GRUPO: _____

COMUNIDADE: _____

Atividades necessárias	Materiais e custos	Prazo	Responsáveis	Como avaliar	Divulgação das ações

- As orientações para o moderador trabalhar com os grupos no preenchimento da tabela:
 - Atividades: o que deve ser feito para alcançar um objetivo.
 - Materiais e custos: é preciso lembrar de todo material e mão de obra necessária para realizar determinada ação. Cada produto e serviço têm um custo.
 - Prazo: até quando cada ação deve ser realizada? Quais os prazos para realizar cada ação?
 - Responsáveis: quem faz o quê? É preciso que cada grupo ou pessoa se responsabilize por uma ou mais ações.
 - Como avaliar: o grupo escolhe coisas que possam ser avaliadas e que indiquem se está conseguindo ou não realizar a ação.
 - Divulgação das ações: as ações realizadas podem ser divulgadas na escola e na comunidade por meio de apresentações, jornais murais, programas de rádios comunitárias, panfletos, TVs e eventos como atividades culturais.
- Apresentação dos planos elaborados pelos grupos que todos possam tirar dúvidas e opinar.
- Fechamento da oficina agradecendo a presença de todos e apresentando os próximos passos.

Pontos de atenção

- Indica-se a seleção de sonhos viáveis e possíveis diante dos recursos existentes na comunidade para início de um processo participativo. Planos mais elaborados deverão ser trabalhados pela Diagonal/Vale junto aos responsáveis e apresentados para sugestões posteriormente.
- Orientação para que os grupos detalhem o máximo possível as atividades afim de facilitar o monitoramento e avaliação posteriores.
- Esta oficina trabalha com as expectativas e desejos das comunidades e por isso é importante que o processo participativo tenha continuidade especialmente trabalhando para que os recursos e habilidades para viabilização dos planos de ação sejam obtidos/desenvolvidos.

Materiais

- Painel dos planos de ação feito em papel pardo para o preenchimento de cada grupo (um painel como tabela para cada plano).
- Pincéis atômicos.
- Cola spray ou fita crepe.

Resultados esperados

- Sonhos prioritários escolhidos e validados coletivamente pela comunidade.
- Planos de ação construídos e validados coletivamente por e pelas comunidades.

Etapa 5. Avaliação

Como parte fundamental do processo de diagnóstico participativo, bem como de qualquer projeto, a avaliação exerce a função de verificar satisfação, compreensão, dificuldades e orientação do trabalho para as correções necessárias.

Verificação da capacidade do projeto na geração das mudanças planejadas. A avaliação insere-se como parte do processo educativo. Como processo educativo, a avaliação é a etapa de análise e balanço do grupo sobre todo o percurso da atividade. Portanto, momento de reflexão e internalização dos principais pontos associados por cada participante. Para avaliação da oficina recomenda-se atenção ao perfil do grupo, verificar se todos são alfabetizados, e mesmo assim, sugerem-se duas etapas de avaliação:

1ª Etapa Momento Individual – entregar a “Ficha do participante” (I) a cada um, explicar o significado de cada carinha retratada na avaliação, ler as perguntas em voz alta e pausadamente, e a cada pergunta lida, dar tempo para que todos assinalem com um “x” a carinha que corresponde sua opinião. É importante perguntar, após a leitura de cada item, se alguém ficou com dúvida sobre o conteúdo da questão.

Atenção: se possível, circule entre os participantes verificando se o preenchimento está sendo feito de maneira correta.

2ª Etapa Momento Coletivo – finalizar a oficina com uma roda, se possível de mãos dadas, para simbolizar o trabalho em equipe, e pedir para que cada participante, inclusive o mediador diga uma palavra que represente o sentimento da oficina.

Atenção: É importante que uma pessoa registre todas as palavras ditas pelo grupo.

4 Referências bibliográficas

DOWBOR, Fátima Freire. *Quem educa marca o corpo do outro*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

FÁVERO, Maria Helena. *Psicologia e Conhecimento: subsídios da psicologia do desenvolvimento para a análise do ensinar e aprender*. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2005.

FERRERO, Emilia; CASTORINA, Jose Antonio; LERDER, Delia e OLIVEIRA, Marta Kohl Piaget – *Vygotsky – novas contribuições para o debate*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

FREIRE, INSTITUTO. Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário.

Disponível em:

http://www.paulofreire.org/wpcontent/uploads/2012/CCP_Mat_Ref_Livros/manual_de_metodologias_participativas_para_o_desenvolvimento_comunitario_VERSC383OFINAL.pdf

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes prévios à prática educativa*. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

FREIRE, Paulo. "Pedagogia do Oprimido". *Rio de Janeiro: editora.Paz e Terra, 1987, p. 78*

LIMA, Licínio C. *Educação ao longo da Vida: entre a mão direita e a mão esquerda de Miró*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2007

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leituras*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 193 p.

TENÓRIO, F. "O Mito da Participação" – Em: *Revista de Administração Pública*, vol.24, n. 3, maio/julho, FGV, Rio de Janeiro, RJ, 1990.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2008. 182 p.

Ficha Técnica

Diagonal Empreendimentos e Gestão de Negócios Ltda.

Kátia Maria Bello de Mello

Sócia - Presidente

Alvaro Jucá

Sócio - Presidente

Isolda Leitão

Diretora de Negócios Privados

Fernanda Lavarello

Gerente de Projetos

Equipe Técnica

Mirian Salomão

Coordenadora Técnica

Aline Silva de Andrade

Especialista de Contrato

Maria Oliveira

*Consultora Especialista em
Educação Ambiental*

Flávia Guimarães Farias

Analista de Projeto Social

Lutiele Baldon

Arquiteta Urbanista

Nadia Cylene de Sousa Coelho

Engenheira Agrônoma

Luciana Joyce Carvalho

Apoio Administrativo

Daniel Polli Spinasco

Analista de Arte

Italo Bertolacci

Estagiário Editoração

